

**COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Lucas Pereira França

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA GEOGRAFIA  
ESCOLAR:**

Análise de imagens em livros didáticos do ensino fundamental

Rio de Janeiro  
2020



Lucas Pereira França

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA GEOGRAFIA ESCOLAR:**  
Análise de imagens em livros didáticos do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Orientador: Professor Me. Pedro Bernardes Pinheiro

Rio de Janeiro  
2020

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

F815 França, Lucas Pereira  
Representações de gênero na geografia escolar : análise de imagens em livros didáticos do ensino fundamental / Lucas Pereira França. — Rio de Janeiro, 2020.

27 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientadora: Pedro Bernardes Pinheiro.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Gênero. 3. Livros didáticos. I. Pinheiro, Pedro Bernardes. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Lucas Pereira França

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA GEOGRAFIA ESCOLAR:**  
Análise de imagens em livros didáticos do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Professor Me. Pedro Bernardes Pinheiro (Orientador)  
Colégio Pedro II

---

Professora Dra. Carolina Lima Vilela  
Colégio Pedro II

---

Professora Ma. Manuela Monarcha Murad da Silveira  
UERJ

Rio de Janeiro  
2020

## **REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA GEOGRAFIA ESCOLAR:** Análise de imagens em livros didáticos do ensino fundamental

Lucas Pereira França

**Resumo:** As relações de gênero são pilares centrais da sociedade desde o início de sua formação. As diferenças biológicas entre os corpos foram utilizadas para produzir papéis sociais desiguais que forjaram identidades sobre os indivíduos e provocaram a hierarquização entre o masculino e o feminino, além da exclusão de outras expressões de gênero. Até hoje, diferentes meios de comunicação continuam a amplificar estes limitados papéis sociais, naturalizando graves desigualdades. Entre estes, o livro didático se destaca por seu papel educacional e caráter científico, que gera credibilidade às informações que carrega. Este artigo busca investigar como as imagens contidas nos livros didáticos de Geografia apresentam relações de gênero em diferentes contextos. Assim, estariam estas imagens corroborando com discursos hegemônicos e estereotipados de gênero? É possível perceber representações questionadoras aos tradicionais limites identitários de gênero? As contribuições acadêmicas para o debate geográfico de gênero se fazem presentes nos livros didáticos de Geografia?

**Palavras-chave:** Livro Didático; Gênero; Imagens; Ensino de Geografia.

## **REPRESENTATIONS OF GENDER IN SCHOOL GEOGRAPHY:** Analysis of images in elementary school textbooks

**Abstract:** Gender relations have been central pillars of society since the beginning of its formation. The biological differences between bodies were used to produce unequal social roles that forged identities about individuals and caused the hierarchization between male and female, in addition to the exclusion of other expressions of gender. Until today, different media continue to amplify these limited social roles, naturalizing serious inequalities. Among these, the textbook stands out for its educational role and scientific character, which generates credibility to the information it carries. This article seeks to investigate how images contained in Geography textbooks present gender relations in different contexts. Thus, are these images corroborating hegemonic and stereotyped gender discourses? Is it possible to perceive representations that question the traditional gender identity boundaries? Are the academic contributions to the geographic debate on gender present in geography textbooks?

**Keywords / Palabras-clave:** Textbook; Gender; Images; Geography Teaching.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, nos encontramos diante de inúmeros questionamentos e demandas relacionadas a gênero e sexualidade que, a todo momento, desafiam a estabilidade das estruturas heteronormativas e sexistas de nossa sociedade. A pluralização dos meios de comunicação, a popularização da internet e novas gerações cada vez mais questionadoras têm exigido de todos atenção e participação em diálogos mais complexos sobre gênero, sexualidade e preconceito. Muitos destes temas, tradicionalmente limitados e silenciados no cotidiano das pessoas, emergem com bastante força e nos colocam para questionar certezas e encararmos paradigmas por muito tempo ignorados.

A Geografia, ainda que historicamente tenha produzido conhecimentos a respeito do espaço geográfico e suas dinâmicas a partir de métodos classificados como *gender blind*, ou seja, se dizem neutros em relação aos debates de gênero (REIS, 2015), desempenha hoje um papel indissociável da ressignificação do espaço produzido e da reprodução do espaço, resgatando a categoria gênero como instrumento sem o qual não é possível desvendar as relações socioespaciais que, ao contrário do que se imaginava no passado, são reflexos da hierarquização dos gêneros e das identidades impostas sobre as diferenças biológicas.

Investigar as diversas maneiras pelas quais esta estrutura patriarcal se perpetua é fundamental para contestarmos e transformarmos as bases que limitam liberdades individuais e coletivas daqueles que recusam os estereótipos que lhes são atribuídos a partir de suas identidades de gênero. Dentre inúmeras possibilidades, o livro didático tem se mostrado, segundo autores como Tonini (2002) e Printes (2014), como um amplificador de ideologias que corroboram, através de limitadas representações textuais e imagéticas de estruturas desiguais já consolidadas, influenciando estudantes e suas percepções sobre os outros assim como sobre si mesmos, através destas referências estereotipadas.

Assim, este trabalho propõe identificar, dentro do recorte do ensino fundamental II, mais especificamente em turmas de 8º e 9º anos, entre os livros didáticos de duas coleções usados na escola pública em que leciono, imagens que tragam informações e impressões a respeito de gênero e problematizá-las a fim de alcançar diagnósticos que contribuam para uma leitura crítica destes conteúdos a fim de proporcionar outras interpretações possíveis que ampliem os conhecimentos e referências sobre esta temática.

São interesses, ainda, identificar possíveis padrões e limites nas representações imagéticas relacionadas a identidades de gênero, assim como analisá-los criticamente a fim de apontar possíveis significados que podem estar sendo criados a partir destas imagens. Uma vez que podem vir a compor parte do repertório que os alunos produzem e utilizam ao longo de toda a vida para pensar espaço e sociedade, este artigo busca compreender a que interesses e discursos estas imagens se associam além de criar hipóteses a partir de seus impactos como referenciais teóricos para estudantes.

Para tanto, este artigo fez uso de referenciais teóricos que elucidassem novas e influentes ideias sobre o conceito de gênero e sua estruturação na sociedade atual, assim como as tensões que impulsionam as fronteiras de identidades de gênero. Discute-se, ainda, as aproximações das relações de gênero com a Geografia, assim como sua presença e pertinência em livros didáticos da Geografia Escolar. A análise de imagens retiradas destes livros se constrói sob metodologia de Mendes (2019) e categoriza as imagens selecionadas a partir de fenômenos e objetivos aos quais estão associadas para que sejam questionados possíveis significados criados a partir de suas leituras.

## 2 CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE GÊNERO

A discussão a respeito das questões e estruturas de gênero, assim como suas demandas atuais, sob a ótica do que proponho neste artigo, se baseia numa breve distinção entre os complexos termos sexo e gênero, assim como as noções de identidade produzidas a partir destas categorias. Para Ann Oakley (1972), socióloga e feminista britânica, desde a década de 60 dedicada a estudos de gênero e ao papel da mulher na sociedade, “Sexo” é um termo biológico; “gênero”, um termo psicológico e cultural. Esta distinção é fundamental para reconhecermos que não se pode falar em determinismo biológico quando se trata de papéis sociais, rigidamente limitados, segregados e atribuídos a diferentes corpos. Recusa-se, assim, a suposta justificativa de que as bases estruturantes da sociedade ocidental se baseiam em distinções entre a masculinidade e feminilidade com fundamento apenas em suas capacidades e limitações físicas.

Mesmo estas considerações, no entanto, não são suficientes para nos desprender da concepção comum de que, uma vez que o indivíduo é identificado como sendo do sexo feminino, esta pessoa é necessariamente mulher, tal qual quando masculino, homem. A Antropologia, ao estudar diferentes concepções de gênero, identifica uma grande pluralidade de discordâncias que mostram que o sexo biológico nem sempre determina o gênero praticado tal qual o gênero socialmente estabelecido pode ser exercido por indivíduos de diferentes sexos, inclusive indefinido, como é o caso de intersexuados. Estas discrepâncias demonstram claramente haver uma distinção conceitual entre sexo e gênero, perceptível no trecho abaixo:

Antes, o corpo e o sexo são interpretados e instituídos pelo gênero, de sorte que em determinadas culturas africanas pessoas com a genitália feminina podem ser pensadas como maridos, ou em grupos indígenas americanos uma pessoa com genitália masculina pode ser entendida como meio-homem e meio-mulher (TONELI, 2012, p. 149).

Assim, como demonstrado pela professora Maria Juracy Toneli, não apenas existe uma diferença entre sexo e gênero, como existe ainda uma grande pluralidade de entendimentos e práticas que desafiam a rigidez com a qual estes conceitos costumam ser tratados nos moldes heteronormativos. O termo “gênero” é usado para se referenciar a um conceito de extrema complexidade e encontramos múltiplos usos ao longo da literatura. Não raramente, a palavra gênero é posta em referência a seu significado biológico, de classificação de seres vivos por suas características físicas e funcionais, ou mesmo como um sinônimo ao termo “sexo” que, de forma binária, diferencia indivíduos masculinos e femininos. Segundo Laqueur (2001), no século XVIII, a leitura predominante que se fazia de sexo e de gênero é que havia uma classificação binária natural muito clara do sexo que distinguia o feminino do masculino através das genitálias e que, em certo grau, este “fato” biológico influenciava os papéis sociais de gênero exercidos por homens e mulheres, que reconheciam, naturalmente, seu gênero de forma correspondente ao sexo biológico. Qualquer comportamento desviante deste binarismo e correspondência entre gênero e sexo era tido pela psicologia e/ou biologia como anormalidade.

Interesso-me pela construção de novos entendimentos de gênero que se distanciam do binarismo macho-fêmea e aproxima o termo de outras diferenças socioculturais que lhe ampliam os horizontes do debate. Esta leitura conceitual é endossada por Joan Scott (1988), que demonstra como esta binaridade limita a compreensão das relações de interdependência entre indivíduos de sexos diferentes tanto quanto das particularidades que assemelham e, ao mesmo tempo, diferem indivíduos de mesmo sexo. Assim, ainda segundo a autora, as diferenças de sexo e gênero não se devem distanciar de outros aspectos, como as diferenças étnicas-raciais, de classe, geração, valores, cultura, subjetividade etc.

Ainda para Scott, o gênero não exclui ou separa as características naturais biológicas da análise sociocultural, pelo contrário, “gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais.” (2012, p.13) Em concordância, Oakley (1972) já afirmava que “gênero é visível como uma soma de qualidades, incluindo maneirismos, formas de falar, vestir, escolha de assuntos numa conversa e por aí vai. Gênero é um fato visível a maior parte do tempo: sexo não”. Em outras palavras, nossas interações sociais cotidianas não dependem da identificação anterior do sexo biológico para determinar o gênero de uma pessoa. Essa percepção é feita a partir de muitos outros elementos.

Percebe-se, portanto, como indicam os autores, em especial Judith Butler, que o gênero é uma performance, uma ação não pré-determinada e que não se constrói com base exclusivamente binária a depender do sexo biológico.

[...] o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero” (Butler, 2003, pag. 200).

Esta concepção se mostra de extrema importância à medida em que demonstra que, uma vez como performance, o gênero é construído através da prática e não anterior a elas. Com isso, as produções do gênero se fazem múltiplas, dentro e fora de normas e padrões. Em concordância, Maria Tonelli, pesquisadora na área de psicologia, gênero, masculinidades e travestilidades, bastante influenciada pela psicologia da saúde, afirma em sua participação em encontro nacional da ABRASPO (Associação Brasileira de Psicologia Social) que “o gênero é performático e múltiplo, é ação e não identidade ou totalidade, e está associado a outros vetores de distinção como classe, etnia e geração.” (TONELI, 2012, p. 151).

### **3 APROXIMAÇÕES ENTRE GÊNERO E GEOGRAFIA**

A Geografia não tem em seu catálogo de temas tradicionais de pesquisa as questões de gênero e sexualidade. As diferentes correntes geográficas, ao longo da formação e consolidação da Geografia, dedicaram-se pouco a compreender a produção do espaço do ponto de vista das diferenças de gênero, especialmente a aquelas impostas sobre e produzidas por mulheres. Na verdade, considerar o gênero como uma variável social de implicações nas ações socioespaciais não é uma prática muito comum na Geografia que, apesar de incorporar a temática mais frequentemente a partir da década de 1980, no contexto brasileiro (PAULA; PEDROSO, 2020), ainda o faz de forma desconexa e pouco recorrente (ORNAT, 2008).

Vivemos atualmente, no entanto, um período bastante fértil para pesquisas e publicações que inserem de forma complexa ambas as temáticas – de gênero e sexualidade – nas produções geográficas. Na avaliação de Maíra Lopes Reis (2015), “[...] embora a Geografia incorpore com atraso as abordagens de gênero, sua expansão e aceitação tem sido rápida, porque o conceito de gênero permite compreender as relações sociais, especificamente, como os sexos contribuem para reprodução social.” (REIS, 2015, p. 13). Uma vez que o gênero é elemento que fundamenta as relações sociais, também é variável intrínseca à (re)produção do espaço geográfico, sendo necessário aproximar a Geografia desta categoria.

Historicamente, a resistência da comunidade acadêmica geográfica em incorporar estas temáticas é reflexo do que não se pode perder de vista: a academia reflete a estrutura patriarcal e fortemente heteronormativa na qual se baseia a sociedade e o espaço em (re)produção. Assim, isso pode ser percebido na escolha de temáticas mais oportunas ou mesmo menos incômodas enquanto o desprezo pela literatura feminista ou queer na Geografia era prática comum. Assim, a incorporação dos estudos de gênero na ciência geográfica se dá por influência da inserção anterior em outros campos científicos, como a Sociologia.

Mais recentemente, os estudos feministas têm conquistado espaço e ampliado suas temáticas em muitos campos científicos, inclusive na Geografia. Novas temáticas têm surgido e as interconexões entre categorias de análise da vida social nas práticas espaciais ficam mais fortalecidas, como as relações entre sexualidade, gênero, raça e classe social (REIS, 2015, p. 25). Dessa forma, as novas produções científicas buscam não apenas inclusão destas temáticas, mas a conquista de um amplo espaço de contestação dessa ordem hegemônica que produz discursos científicos desconectados da pluralidade e desigualdades de gênero.

As interrelações entre as diversas características sociais, culturais, de origem, de classe, raça ou sexualidade de um indivíduo nos ajudam a melhor entender múltiplas experiências socioespaciais sem generalizá-las em torno de um aspecto de suas identidades. Assim, percebe-se que as relações de poder vividas por e impostas sobre uma mulher branca, cristã e heterossexual não são as mesmas que marcam as vivências de mulheres negras, umbandistas e homossexuais, por exemplo, e, por este motivo, a categoria gênero isoladamente não é capaz de revelar toda a complexidade com que as desigualdades de gênero se estruturam na sociedade. O conceito de interseccionalidade<sup>1</sup> se apresenta como possibilidade para a construção de uma leitura integrada destas diferenças variantes, importante para os objetivos desta pesquisa.

Já inseridos na academia, os estudos de gênero nas ciências humanas passam pelo processo de contestação da ordem binária que, há muito tempo, projetou papéis sociais desiguais e limitados para homens e mulheres baseando-se, apenas, na distinção do sexo biológico. São autoras como Judith Butler que problematizam e ampliam as discussões de gênero, criando espaço ainda para a inclusão de narrativas e indivíduos que não se encaixam nas limitadas concepções de masculinidade e feminilidade tradicionais. Segundo a autora norte-americana, referência teórica sobre estudos de gênero, o sexo, parte do corpo, “não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas.” (BUTTLER, 2013, p. 2) Assim, mesmo o sexo não é puramente biológico, mas carregado de discursos que demarcam relações de poder.

Toda essa inserção e ampliação das noções de gênero têm construídos diversas contribuições ao campo geográfico já que o espaço passou a ser significativo para a compreensão das relações de gênero tanto quanto o gênero contribui para a compreensão do espaço. O espaço, na verdade, é capaz de revelar elementos fundamentais tanto sobre a organização patriarcal hegemônica que se projeta no espaço construído, quanto sobre movimentos e identidades subversivas que a desafiam ao construírem territórios alternativos.

---

<sup>1</sup> O termo “interseccionalidade” tem sua origem relacionada ao campo jurídico norte-americano, quando foi usado “para designar a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe, num texto da jurista afro-americana” (HIRATA, 2014, p.62). Pouco tempo depois o termo ganha recorrência nos estudos feministas críticos a uma vertente do movimento feminista que é bastante influenciado pela branquitude, renda elevada e heteronormatividade de seus porta-vozes.

A partir disso, a Geografia pode ser entendida como uma ciência de afluência de muitas outras que permite, através de uma metodologia própria, a compreensão integrada das realidades sociais. Nesta ótica, a questão de gênero se enquadra na investigação geográfica, mesmo sendo muito recentes os estudos sobre tal tema. (REIS, 2015, p. 27).

As contribuições da inclusão das diferenças de gênero como relações produtoras de espaço, lugar, território e paisagem podem ser percebidas em diversos campos de pesquisa da Geografia. Nos estudos migratórios, por exemplo, as análises costumam ser feitas a partir de indivíduos descritos considerando-se origem, classe social e destino, numa leitura bastante limitada aos aspectos laborais que forçam o deslocamento (FARIA; FERREIRA; PAULA, 2016). Estes indivíduos, e o fenômeno migratório, dificilmente são investigados a partir de outras de suas características identitárias tais quais o seu gênero (afinal, não há diferenças entre a migração masculina e feminina?), sexualidade (a busca por espaços de aceitação por homossexuais, transexuais, travestis etc. não é um deslocamento espacial digno de consideração científica?) ou mesmo raciais (como ignorar as diferenças de oportunidades e desigualdades de tratamento e aceitação para imigrantes negros e brancos no Brasil?) provocando uma limitação muito grande em relação ao conhecimento que se têm sobre os fenômenos migratórios.

Destacam-se, no entanto, trabalhos mais recentes que buscam preencher estas lacunas através de pesquisas que colocam sobre outras variantes identitárias e suas relações de poder e desigualdade as razões sobre as quais fenômenos geográficos ocorrem. A autora Delia Dutra (2013), em seu artigo “Mulheres, Migrantes, Trabalhadoras: A Segregação no Mercado de Trabalho” assume o recorte de gênero como fundamental para sua investigação, uma vez que as construções sociais de papéis de gênero depositam sobre sujeitos masculinos e femininos diferentes perspectivas e trajetórias migratórias que influenciam tanto a decisão de migrar quanto todo o processo de efetivação da migração em si.

Trabalho, desemprego, condições de precariedade, falta de reconhecimento, necessidade de capacitação, discriminação retributiva, segregação ocupacional, vulnerabilidade, são algumas das vivências que caracterizam a situação de mulheres de determinadas origens sociais em todas as partes do mundo e que, para algumas, representam o motor que as impulsiona a embarcar no projeto de migração internacional” (DUTRA, 2013, p. 179)

Outra possibilidade, diante da infinidade de temas que poderiam ser citados, está inserida dentro dos estudos da Geografia Urbana. Quando se aborda a construção do espaço urbano e suas desigualdades, muitas variáveis sociais são discutidas, principalmente as de classe e raça. O gênero, no entanto, não tem presença tão frequente nestes debates quando poderia, na verdade, enriquecê-lo de diferentes maneiras. A verdade é que as diferenças de gênero produzem hierarquias e territorialidades urbanas que convivem entre disputas cotidianas. Para Cailó (1992), o uso da categoria gênero nos estudos urbanos são fundamentais para revelar não apenas como a designação do espaço doméstico para a mulher e do espaço externo para o homem, mas também as implicações que esta divisão criou no planejamento urbano de muitas cidades e promover, também a construção de outra estrutura urbana sensível às demandas de grupos não masculinos em relação à cidade. Segundo a autora

A distinção das esferas públicas e privadas, alterando relações sociais entre homens e mulheres, priorizando o mundo público - político e econômico - aos homens e o mundo privado - doméstico e íntimo - às mulheres, *sexuou* a cidade. E os estudiosos urbanos tiveram dificuldade em fazer essa nova leitura. Isso implicou na negação

da esfera do privado, das atividades domésticas, e mesmo das atividades das mulheres. É o que chamamos de ‘invisibilização’ das mulheres na multidão urbana. Elas estão lá, importantes para o cenário, mas insignificantes para a cena” (CAILÓ, 1992, p. 26)

No tocante à Geografia Escolar, as discussões de gênero ainda se fazem ausentes ou superficiais em boa parte das práticas pedagógicas da Educação Básica. É preciso reconhecer, antes de tudo, que a Geografia, escolar e acadêmica, possui escopo para tratar sobre gênero e sua implicação socioespacial, não sendo esta temática uma responsabilidade a ser depositada sobre outras disciplinas escolares simplesmente. Os diversos movimentos sociais que se manifestam cotidianamente em nossa sociedade são fundamentais para fundamentar discussões geográficas atuais e relevantes ao alunado, propiciando protagonismo social a partir de um diagnóstico preciso dos debates que são travados hoje em dia. Como disciplina escolar, não pode a Geografia ausentar-se da promoção da educação sobre gênero, tanto quanto sobre questões raciais, de sexualidade, desigualdades de classes, entre outros.

Nesse contexto, existem muitas formas possíveis de se avaliar as práticas pedagógicas geográficas a respeito da inclusão e do desenvolvimento da temática de gênero pela geografia escolar (políticas curriculares, projetos políticos pedagógicos escolares, planejamentos de aula, práticas docentes cotidianas, propostas de projetos multidisciplinares etc.). Este trabalho concentrar-se-á em avaliar conteúdos ilustrativos de livros didáticos de Geografia.

A estratégia escolhida se justifica pela potencialidade de diagnosticar discursos e limites contidos nas imagens utilizadas nos livros distribuídos em escolas públicas de todo o país. A partir disto, é possível problematizá-los, a fim de inseri-los no contexto das atuais relações de gênero, fortemente marcadas pela desigualdade que produz e que afeta fortemente as relações socioespaciais. É possível, também, discuti-los a partir de novos pontos de vista, como o da literatura feminista presente em estudos recentes da Geografia, que ampliam o potencial de leitura das imagens para além de seus significados mais óbvios.

#### 4 METODOLOGIA

Os livros didáticos são instrumentos incorporados às salas de aula que proporcionaram diferentes avanços na educação brasileira. Presente em muitas escolas, distribuídos a milhões de estudantes e renovados de tempos em tempos, os livros didáticos são responsáveis por intermediar o acesso ao conhecimento científico, produzido especificamente para o contexto escolar, e o alunado que, ao fazer uso do livro didático, é aproximado da ciência através de seus registros escritos e imagéticos que compõem a obra.

Mesmo alvo frequente de muitas críticas, o livro didático tem espaço garantido por representar parte fundamental do desenvolvimento da educação escolar. O Brasil possui hoje, com a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o maior programa de distribuição de livros didáticos do mundo (MANTOVANI, 2009). Tamanho alcance carrega consigo a responsabilidade de garantir a qualidade do material produzido e a fidedignidade das informações impressas em tais livros. Afinal, os livros didáticos são capazes de transmitir conhecimentos e produzir impressões, críticas, hipóteses e certezas sobre a realidade. Como aponta Mantovani, “O livro [didático] vai além de um simples manual escolar, na medida em que convive cotidianamente com os alunos e alunas durante todos os anos da vida escolar, e perpassa essa definição simples deixando marcas definitivas na memória” (2009, p. 25).

A importância do livro didático também está baseada no impacto produzido sobre os professores e suas metodologias de aula. Ao agrupar e organizar conteúdos a serem ministrados ao longo do ano, além de proporcionar textos, imagens e atividades sugeridas, o livro didático passou a ser incorporado às práticas pedagógicas de muitos professores e em

diferentes níveis. É possível encontrarmos profissionais que enxergam nos livros disponibilizados através do PNL D seu único material didático-pedagógico e, também, aqueles que usam com modesta frequência, mas que não descartam totalmente o uso deste instrumento.

Aqui não pretendo avaliar o livro didático em sua totalidade, o objeto de pesquisa não é tampouco o livro em si, mas partes específicas de suas representações. De forma mais clara, a análise será feita a partir de representações imagéticas presentes nos livros didáticos de Geografia selecionados que apresentem em seu conteúdo relevância para a questão de gênero e suas implicações na produção de significados para os alunos.

A metodologia utilizada está baseada nas contribuições de André Melo Mendes (2019), professor do Departamento de Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais. Segundo o autor, a importância das imagens como forma de comunicação é bastante complexa pois cumpre importante papel além de simples representações. Através das imagens podemos dar visibilidade a fenômenos e torna-los legíveis, compreensíveis, alcançáveis ao entendimento. As imagens são, simultaneamente, encontro e confronto e, são ainda, encurtamento de distâncias entre ideias e indivíduos. Carregadas de intenção, as imagens podem aprofundar estigmas ou questioná-los e são, portanto, muito mais relevantes pelas suas capacidades e impactos do que pela materialização da imagem em si. Portanto, a metodologia possibilita investigar relações de gênero a partir de suas representações, sem perder de vista a complexidade que a temática exige.

A metodologia de Mendes (2019) é fortemente influenciada pelas contribuições de Charles Peirce em seus estudos sobre a semiótica e também por Erwin Panofsky e seu método iconológico. Parte relevante dos elementos que diferenciam as abordagens está no fato de Mendes propor, ao analisar uma imagem, incluir não apenas aspectos formais relativos ao objeto imagético, mas correlacioná-lo ao contexto histórico e a outros objetos inseridos neste mesmo contexto cultural e social. Segundo o autor

Para essa noção teórico-metodológica a abordagem semiótica é bem adequada, porque está alinhada com a maneira contemporânea de pensar a imagem, oferecendo ferramentas úteis para analisar e criticar as mensagens e discursos veiculados pela imagem fixa (bidimensional).” (MENDES, 2019, p. 19).

É importante salientar, no entanto, as próprias limitações das representações imagéticas como representações da realidade. Apesar de aproximar, a imagem não substitui o elemento real. Por isso, devem ser entendidas como recorte limitado, carregadas de significados e informações objetivas e subjetivas. A análise deve ser feita a partir da identificação dos signos que revelam informações e, a partir da interpretação do avaliador, permitem interpretações. Faz-se necessário, assim, o levantamento de significados que a imagem em análise possa sugerir. Esse processo considera a estrutura social, cultural, econômica e política da sociedade ocidental em que vivemos e estão inseridos os principais usuários do livro didático: os alunos.

Este tipo de análise tem relevância uma vez que o livro didático, ainda que não seja o único ou nem mesmo o principal construtor de significados durante a vida escolar dos alunos, definitivamente desempenha papel fundamental na construção de uma leitura de mundo ampla e complexa a partir das limitadas representações contidas nos livros, dentre as quais as imagens. As representações de gênero, em qualquer espaço de comunicação, podem estar vinculadas ainda a uma percepção limitada e mesmo opressora que estereotipa e hierarquiza tanto representações femininas quanto masculinas. Além de invisibilizar, muitas vezes, indivíduos transexuais que romperam com a ordem cisgênera de organização social e, por isso, são colocados às margens dos canais comunicativos. Inclusive, faz-se necessário mencionar que, ainda que sejam reconhecidas outras expressões de gênero, as análises aqui

contidas são feitas a partir da leitura binária das imagens, cujos indivíduos são lidos a partir das categorias “masculino” e “feminino”, dadas as limitações das próprias representações.

As imagens selecionadas trazem consigo significados observados considerando-se contribuições de Tonini (2002) que, em sua tese de doutorado, estruturou relevante e, desde então, influente base teórica de análise de identidades e suas representações em livros didáticos de Geografia. Este resgate teórico permite ainda que se faça considerações a respeito de possíveis padrões ou estrutura presentes ainda hoje, ou mesmo perceptíveis mudanças na escolha de imagens representativas às questões de gênero.

Os livros selecionados foram escolhidos por cumprirem diferentes critérios de ordem prática e de relevância teórica: são livros de coleções presentes no Programa Nacional do Livro Didático e disponíveis para uso de alunos e professores na unidade escolar da Prefeitura Municipal de Maricá, onde atuo desde 2019 com turmas de 6º ao 9º anos. As duas coleções usadas são “Geração Alpha”, da Editora SM e “Expedições Geográficas”, da Moderna, usados a partir de 2020 com data de validade prevista para 2023. Os livros de 8º e 9º anos de cada coleção foram escolhidos por apresentarem imagens mais sensíveis ao tema e que ampliariam as possibilidades de análise.

As categorias de análise apresentadas foram construídas a partir de uma leitura inicial feita de forma superficial sobre as diferentes figuras contidas no texto que, de imediato, provocavam impressões a respeito das diferenças de gênero que trazem consigo. Foram, então, categorizadas em grupos temáticos de acordo com as impressões produzidas para, em sequência, serem avaliadas em diferentes contextos como potencial de análise, recorrência das imagens ao longo dos livros, temáticas que dialogam diretamente com pesquisas que já construí anteriormente e possíveis impactos sobre o alunado.

Importante mencionar, ainda, que a proposta inicial deste artigo intencionava incluir imagens representativas à temática da diversidade sexual a fim de submetê-las a um olhar crítico a respeito de seus impactos na construção de identidades reais e de sua função em educar sobre a diversidade que compõe a sociedade em que vivemos. Esta inclusão não se tornou possível, no entanto, devido à ausência total de qualquer tipo de imagem que incluísse indivíduos LGBTQIA+ ou mesmo intencionasse apontar que estes existem. Outras obras de outras coleções disponíveis na biblioteca da escola foram consultadas com o intuito de tornar a pesquisa possível, porém sem sucesso.

## **5 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS**

Nesta etapa serão apresentadas considerações a respeito de imagens selecionadas entre as figuras presentes nos livros didáticos mencionados e que trazem consigo possibilidades de interpretação que atribuem às diferenças de gênero significados explícitos e subjetivos. A organização em categorias nos permite compreender diferentes qualidades que são atribuídas, através das imagens, a homens e a elementos de masculinidade bem como mulheres e feminilidades, a partir da estrutura ocidental de divisão e hierarquização de gêneros, considerando os diferentes papéis sociais e identidades atribuídas a cada um. Permite, também, observar outras formas de representação que possam estar atreladas à literatura feminista ou outras correntes críticas sobre estudos de gênero.

### **5.1 Representações de personalidades históricas e contemporâneas**

Desde o processo de constituição de sociedades patriarcais, organizados por homens e em torno destes há milhares de anos atrás, as mulheres têm sido relegadas a papéis e espaços sociais menores e limitados. A diferença entre os sexos há muito tem sido usada como critério

fundamental para a divisão de tarefas, distinção de papel social e hierarquização do poder. Na sociedade capitalista, em específico, a mulheridade tem sido associada a espaços e funções domésticas assim como privada de muitas formas de liberdade, como a de expressão e sexual. Apesar disso, seria um equívoco pensar que as mulheres não tenham buscado e lutado por igualdade, se contentando com a identidade limitada que lhes foi forjada e imposta pela masculinidade em contextos patriarcais. Apesar de serem excluídas de narrativas e registros históricos ditos “oficiais”, a presença feminina, já há algum tempo, vive um momento importante de resgate de suas existências e participação e aponta a necessidade de mudarmos a forma como produzimos e ensinamos ciências humanas. Para Tedeschi:

Integrar este conceito de análise [gênero] ao estudo da história não significa acoplar a questão feminina como questão exótica à parte. Não interessa nessa perspectiva uma unidade sobre a condição da mulher. Interessa é ver a mulher na história integrada ao processo histórico.” (TEDESCHI, 2007, p. 330)

Assim, nesta primeira categoria me preocupo em identificar nas imagens contidas nos livros didáticos a presença de personagens históricos identificados por nome e imagem, atrelados a seus respectivos contextos históricos como protagonistas sociais. Foram direcionadas às imagens alguns questionamentos como: há preocupação quanto a proporção das representações de gênero entre as figuras selecionadas? A questão de gênero é mencionada nas legendas que acompanham as imagens? Existe uma diversidade étnica, cultural ou de outra natureza representada junto às imagens?

Da coleção “Expedições Geográficas”, os dois livros selecionados continham, juntos, mais de 20 imagens de diferentes personalidades históricas e contemporâneas com influência em diferentes camadas da sociedade (política, artes, ciência etc.). Dentre estas figuras, a grande maioria era composta por homens, como Barack Obama, Mahatma Gandhi e Diego Rivera. Apenas uma única figura trazia uma mulher identificada por seu nome, como se observa abaixo.

**Figura 01: Mulher destacada e identificada nos livros didáticos**



Fonte: ADAS, M.; ADAS, S. Expedições Geográficas – 9º ano – 2018, p. 201.

Não é difícil perceber como existe, nesta coleção em específico, uma grande disparidade de gênero entre as personalidades escolhidas para ilustrarem diferentes espaços e contextos do livro didático. A predominância masculina corrobora com as estruturas tradicionais patriarcais que, através da exclusão das figuras femininas, limitam leituras e interpretações de fatos históricos e suas implicações no presente e futuro, excluindo leituras de gênero e novas perspectivas de investigação socioespacial. Esta tendência de ausentar mulheres já foi apontada em outros estudos que analisaram, inclusive, livros didáticos de outras disciplinas, como no artigo “Os feminismos e a ausência das mulheres nos livros didáticos de história” de Juliana Ferreira e Lilian Grisolio (2016) em “Que mulher é essa? A representação da mulher nos livros didáticos de ciência e biologia.” de Souza e Elias (2022).

Observando a imagem em foco é possível destacar alguns elementos significativos: ainda que esteja presente, a mulher não está sozinha. É sintomático que, em um contexto em que mulheres são excluídas e, com isso, silenciadas, o único espaço em que uma figura feminina identificada se faz presente seja dividido com um homem. A localização de Malala está no canto inferior esquerdo, enquanto que o homem aparece mais ao centro e à direita, lhe retira ainda o protagonismo da figura. Além disso, a legenda não destaca qualquer elemento relacionado à distinção de gênero entre ambos os destaques da figura ou mesmo no contexto em que ela se insere – O prêmio Nobel da Paz. Entre os mais de 100 laureados com a honraria, apenas 18 são mulheres. Entre elas, a maioria dividiu o prêmio com outras pessoas ou instituições, sendo muitos deles homens, como aconteceu com Malala.

Quanto à diversidade étnica-cultural, interessante mencionar que, apesar de não estar contido na legenda, o texto que acompanha a imagem destaca a origem paquistanesa de Malala, assim como o homem ao seu lado, Kailash Satyarthi, de origem indiana. São mencionados também elementos religiosos, destacando-se o islamismo, religião praticada por Malala, como fundamental para entender o contexto em que sua trajetória como mulher estudante e sua resistência a ataques do grupo extremista Talibã, contrários a educação feminina, lhe renderam a homenagem ilustrada. Essas intersecções ajudam a entendermos a questão de gênero não como categoria isolada e autodeterminante, mas que se soma a outros aspectos relevantes da vida social.

Em comparação, a coleção “Geração Alpha”, em seus livros dedicados a turmas de 8º e 9º anos, tal qual a coleção anterior, apresenta um número reduzido em relação às personalidades destacadas e identificadas em figuras. São cerca de seis imagens dentre as quais metade se dedicam a apresentar mulheres de grande impacto social, político e econômico, como podemos observar a seguir:

**Figura 02: Mulheres destacadas e identificadas nos livros didáticos.**



Fonte: Compilação do autor.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> SAMPAIO; MEDEIROS. Geração Alpha - Geografia – 8º ano – 2018, p. 16, 108 e 247

Ao depositarmos os questionamentos feitos anteriormente sobre este segundo grupo de imagens, é possível notar importantes diferenças entre as coleções. É perceptível, por exemplo, que há certo equilíbrio entre a quantidade de personalidades masculinas e femininas representadas nos livros uma vez que metade delas destacam mulheres. Importante ressaltar, inclusive, que estas mulheres são protagonistas de suas fotografias, estando posicionadas em primeiro plano, ao centro na maioria dos casos, e sem dividir espaço de imagem com figuras masculinas.

Em relação à menção sobre a questão de gênero, é possível encontrar elementos que apresentam, junto à imagem, através da legenda, uma breve apreciação da importância de se destacar o fato dessas lideranças serem exercidas por mulheres em seus contextos específicos. No caso de Christina Lagarde, ex-diretora geral do FMI, destaca-se a ampliação do número de mulheres em cargos políticos como tendência atual, abrindo espaço para um debate necessário a respeito de uma leitura de gênero sobre as estruturas políticas e econômicas a partir da categoria gênero, leitura essa ignorada em outros contextos sociais e históricos. Quanto a Wangari Maathai, a ativista queniana é destacada como primeira mulher africana a ser laureada com um Nobel da Paz, além de atuar em defesa dos direitos das mulheres. No caso de Ângela Davis, considero importante a menção de sua trajetória como militante pelos direitos civis do povo negro nos Estados Unidos junto de sua importância como ativista pelo feminismo, pois sua trajetória enriqueceu os enfrentamentos contra estruturas racistas e machistas ao demonstrar como as experiências raciais e de gênero não são desassociadas uma da outra e que, por isso, a luta antirracista não pode desconsiderar o feminismo negro.

Notável, ainda, que a categoria gênero não é a única discussão possível a partir das imagens, uma vez que esta seleção traz pluralidades múltiplas que nos aproximam da interseccionalidade presente no universo da mulheridade. Temos uma mulher branca e duas mulheres negras nas imagens, de origens distintas (norte americana, europeia e africana), de temporalidades distintas (Angela Davis é mostrada na década de 1970 enquanto as demais mulheres são inseridas em contextos do século XXI) e de esferas sociais múltiplas (meio ambiente, direitos das mulheres, direitos civis da população negra, feminismo e lideranças políticas são mencionadas). Essa multiplicidade de características enriquece o fator identitário destas e outras mulheres pois inclui em suas trajetórias, opiniões e vivências diversas e que participam ativamente do constructo de suas realidades.

A interseccionalidade presente em imagens dos livros didáticos cria materiais e espaços de diálogo com realidades não hegemônicas ou estereotipadas. Esta função é extremamente importante enquanto recurso educacional de alcance tão amplo, como aponta Leni Ramos (2021)

Os contextos educacionais devem necessariamente oportunizar a contestação das velhas estruturas hegemônicas que são responsáveis pela manutenção/reprodução/criação de desigualdades e violências contra indivíduos que não atendem aos modelos impostos e que, por essa razão, são lançados às margens da sociedade.” (RAMOS, 2021, p. 12).

Se reconhecermos o livro didático como instrumento de aproximação entre realidades distantes através de representações simbólicas, também reconhecemos que este causa impactos, ainda que limitados, sobre a capacidade e a formação de base teórica sobre a qual o alunado produz e pratica sua leitura de mundo e de outros (grupos de) indivíduos. Assim, por muitas vezes o livro didático (re)produz identidades assimiladas como “verdades” por seus leitores e que lhe servirão como ferramentas em seu convívio social com a realidade a seu redor (MONTEIRO; JUCÁ; SILVA, 2018).

## 5.2 As representações da migração sob a ótica do gênero

Os movimentos migratórios, sempre presentes na história da humanidade, são cada vez mais intensos e frequentes. Os séculos XX e XXI, em especial, registram grandes fluxos de deslocamento de pessoas em várias partes do mundo, provocando crises humanitárias urgentes que envolvem pessoas dos mais diversos grupos étnicos e culturais, assim como também se distinguem por características de gênero, sexualidade e de classe. Os livros didáticos de Geografia costumam dedicar significativos espaços a essa temática e a produzir símbolos e informações que podem acompanhar o alunado por toda sua vida. Por isso se faz oportuno questionarmos o teor representativo imagético presente nestas obras.

O aumento da participação das mulheres em fluxos migratórios, como destaca Gláucia Assis (2007), tem pressionado novos estudos, teorias e métodos para compreensão desse novo contexto global. A construção de redes de comunicação durante a consolidação do movimento migratório, as principais formas de ocupação laboral no espaço destino e a leitura social que se faz a respeito da mulher migrante exigem considerações específicas que fogem da narrativa clássica, sem distinção de gênero que, na maior parte das vezes, entende a migração masculina como modelo neutro para se compreender os deslocamentos espaciais.

Assim, a que modelo se relacionam as imagens que retratam movimentos migratórios nos livros sob análise? Estariam estas figuras contribuindo para aproximar a comunidade escolar de estudos recentes e inovadores a respeito do papel de gênero nas migrações ou ainda refletindo o tradicionalismo que privilegia trajetórias masculinas? Que outros elementos estão presentes nas imagens e que criam significados simbólicos que podem influenciar a compreensão destes fenômenos?

Foram identificadas, somando-se ambas as coleções sob investigação, cerca de 17 imagens que, diretamente, se relacionam com movimentos migratórios, representando migrantes em exercício do deslocamento. Para apreciação foram selecionadas aquelas figuras que carregam elementos pertinentes à discussão de gênero. Dentre as figuras catalogadas, é possível encontrar imagens que mostram homens e mulheres como migrantes. Dentre estas, algumas retratam apenas figuras masculinas como indivíduos em migração. Não é possível encontrar, no entanto, nenhuma imagem que mostre exclusivamente mulheres em situação semelhante. Quando aparecem, as mulheres estão acompanhadas de homens e/ou crianças.

**Figura 03: Migração exclusivamente masculina – haitianos em São Paulo.**



Fonte: ADAS, M.; ADAS, S. Expedições Geográficas – 8º ano – 2018, p. 73

**Figura 04: Migração exclusivamente masculina – líbios no Mar Mediterrâneo.**



Fonte: ADAS, M.; ADAS, S. Expedições Geográficas – 9º ano – 2018, p. 73

Nestas duas figuras, assim como em outras imagens semelhantes também presentes nos livros didáticos, não é possível identificar claramente nenhuma presença feminina. Mais do que isso, a ausência de mulheres parece não ser notada ou, caso tenha sido, não foi considerada no corpo das legendas que ignoram a nítida desigualdade entre os gêneros e não propõe qualquer leitura ou análise a respeito desta representação, o que reforça a associação entre migração e masculinidade.

Para melhor entendermos a relação entre masculinidade e migração, precisamos recordar como tradicionalmente os espaços foram divididos a partir dos papéis sociais de gênero forjados para homens e mulheres. Para eles, desbravar, explorar e conquistar o espaço externo em busca de seu próprio sustento e de sua família. Para ela, o lar, a vida doméstica e a criação dos filhos. É o que ressaltam Marli Costa e Simone Schwin (2018) quando afirmam que:

Com o passar do tempo, essa prática de confinar meninas ao ambiente doméstico, brincando de comidinha, enquanto os meninos ficam soltos, livres para explorar o mundo, passou a ser algo natural, na medida em que à elas é esperada a preparação para a vida no lar, para o cuidado da casa, do marido e dos filhos (mesmo que lhe seja garantido o “direito” de trabalhar fora)” (COSTA E SCHWIN, 2018, p. 120).

Dessa forma, imagens como as retratadas acima tendem a ser interpretadas como a migração típica, normalizada e esperada. Estas imagens, inclusive, contradizem o grande aumento do fenômeno migratório feminino pelo mundo que, hoje, corresponde a pouco menos que a metade das migrações. Por que então as imagens totalmente masculinizadas não questionam de forma alguma as ausências femininas? Por que não são questionados ainda a predominância masculina? A desigualdade despercebida de gênero corrobora com a narrativa “neutra” da migração masculina.

Apesar das impressões, seria um grande erro pensar que as mulheres não migram. Assim, selecionei também imagens destes mesmos livros em que mulheres migrantes aparecem em primeiro plano, como se pode ver abaixo.

**Figura 05: Mulheres migrantes em destaque – venezuelanas no Brasil.**



**Figura 7.** Venezuelanos recém-chegados ao Brasil aguardam para serem atendidos na Polícia Federal, em Boa Vista, RR (2017).

Fonte: ADAS, M.; ADAS, S. Expedições Geográficas – 8º ano – 2018, p. 55

**Figura 06: Mulheres migrantes em destaque – rohingyas em Bangladesh.**



**Figura 19.** Perseguidos em Myanmar, os rohingyas, povo muçulmano que habita esse país, fogem para Bangladesh (2017).

Fonte: ADAS, M.; ADAS, S. Expedições Geográficas – 8º ano – 2018, p. 161

Foram encontradas cerca de 8 imagens, no total, que contivessem nitidamente a presença de mulheres migrantes. Em todas estas imagens há também a presença de homens e, em algumas delas também se pode observar crianças.

Devemos observar estas imagens a partir do prisma interseccional que une nestes corpos, ao menos, a condição mulher e migrante no século XXI e, com isso, buscar perceber como se relacionam a estigmas e estereótipos de gênero sobre estes depositados e se estas imagens e seus devidos contextos proporcionam alternativas para se discutir a influência das diferenças de gênero no processo migratório. Para tanto, se faz preciso entendermos o fenômeno do deslocamento espacial feminino e as barreiras impostas sobre sua mulheridade.

Ainda segundo Costa e Schwin (2018), a migração feminina encontra nas diferenças de gênero uma série de barreiras que dificultam a concretização da migração e violentam mulheres migrantes e refugiadas em todo o mundo. Associadas ao limitado papel de doméstica e mãe, as mulheres não costumam ser interpretadas e representadas como agentes

migrantes pioneiros, protagonistas. Sua migração é tida como secundária, complementar à migração masculina, esta geralmente anterior (homens que migram em busca de oportunidades de emprego e, posteriormente, possibilitam a migração da esposa e filhos).

Assim, as imagens de mulheres migrantes, nestas imagens, sempre acompanhadas da presença masculina e, comumente associada às responsabilidades maternas (crianças no colo ou de mãos dadas com a figura maternal) podem reforçar estereótipos de gênero sobre o fenômeno da migração. Com isso, a falta de elementos que possam proporcionar ou induzir o debate de gênero sobre o fenômeno geográfico em questão limita a real compreensão do fenômeno, pois se exclui uma das principais categorias que explicam muitos destes deslocamentos e as condições em que ocorrem.

Importante mencionar, ainda, que a representação limitada da figura feminina sob condição de migrante, seja nos livros didáticos ou em outros meios de comunicação e aprendizagem, contribui para a imposição de barreiras morais que colocam as migrantes em situação de maior vulnerabilidade em muitos destinos. Se, por um lado, o homem ao migrar sem a companhia de seu núcleo familiar é lido socialmente, em seu lugar de origem, como provedor de renda para mulher e filhos, as mulheres, ao fazerem o mesmo, tendem a ser interpretadas como mães que abandonaram seus filhos (SCHULER, 2015). A falta de apoio, somadas aos desafios impostos pela estrutura patriarcal estabelecida, dificulta a construção de redes de contato mais seguras e impulsionam uma migração ainda mais marginalizada, levando muitas mulheres a situações de abuso sexual e psicológico, elevado acúmulo de jornadas de trabalho, prostituição e, até mesmo, privação de liberdades individuais.

### **5.3 Percepções de gênero nos movimentos sociais**

No Brasil e no mundo, a despeito das limitações construídas sobre corpos e vozes femininas, a participação de mulheres em movimentos sociais tem crescido vertiginosamente. Mais do que isso, mulheres hoje ocupam posições de destaque dentro de organizações sociais que lutam em diferentes esferas da sociedade em busca de ampliação de direitos fundamentais e pelo fim de desigualdades políticas, econômicas e sociais. Cada vez mais é possível encontrar mulheres em postos de liderança de grandes massas populares que abraçam as contribuições proporcionadas pelo ponto de vista das diferenças de gênero que a mulheridade trouxeram para dentro de demandas sociais históricas que, até então, ignoravam esta perspectiva como elemento estruturador dos problemas contra os quais reivindicam soluções.

Assim, no que se refere aos interesses circunscritos a esta pesquisa, se faz pertinente questionarmos se essas mudanças e avanços significativos no exercício da cidadania feminina se refletem nas imagens que ilustram as páginas dos livros didáticos em análise. Estão as mulheres presentes nos movimentos sociais destacados nos livros? A que tipos de reivindicações as figuras de feminidade estão associadas? É possível perceber um diálogo desta seleção de imagens com os perceptíveis avanços que a luta feminista alcançou na inclusão e participação das mulheres em movimentos sociais?

Relacionadas a movimentos sociais, foram encontradas mais de 40 imagens que retratavam grandes multidões ou menores agrupamentos de pessoas reunidas em razão de algum propósito social, econômico, político, ambiental, humanitário entre outros interesses. A grande quantidade de imagens nos obriga a estabelecer recortes que proporcione uma análise mais próxima dos questionamentos levantados. Assim, foram selecionadas algumas das imagens em que mulheres se destacam como participantes ativas de manifestações sociais a fim de investigá-las a partir de seus elementos, contexto e função no livro didático.

**Figura 07: Mulheres protagonizando movimentos sociais – Black Lives Matter nos EUA.**



Fonte: SAMPAIO; MEDEIROS. Geração Alpha - Geografia – 8º ano – 2018, p. 109

**Figura 08: Mulheres protagonizando movimentos sociais – zapatistas no México.**



Fonte: SAMPAIO; MEDEIROS. Geração Alpha - Geografia – 8º ano – 2018, p. 173

### Figura 09: Mulheres protagonizando movimentos sociais – FMI na Argentina.

#### Fundo Monetário Internacional

O FMI é uma agência da ONU fundada em 1945 que atua mundialmente para promover e assegurar a cooperação e a estabilidade dos sistemas financeiros e monetários, além de prestar assistência técnica em assuntos econômicos aos países-membros.

Vários países latino-americanos, inclusive o Brasil, já recorreram aos empréstimos do FMI para sanar dificuldades econômicas (figura 4).

**Figura 4.** Muitas críticas são dirigidas ao FMI, principalmente por parte dos movimentos sociais de diversos países, em razão de o órgão impor aos governos que solicitam empréstimos medidas severas de contenção de gastos públicos, que acabam por afetar as populações. Na foto, manifestantes protestam contra a negociação entre o governo da Argentina e o FMI, em Buenos Aires (2018).



Fonte: ADAS, M.; ADAS, S. Expedições Geográficas – 8º ano – 2018, p. 227

As imagens destacadas apontam a participação feminina em movimentos sociais que se realizaram em contextos, espaços e sobre temáticas bastante plurais, o que reforça o amplo alcance que a participação da mulher na sociedade tem alcançado nos últimos anos. É possível, por exemplo, observamos mulheres à frente de movimento popular que contesta as relações econômicas entre o governo argentino e o Fundo Monetário Internacional em razão das consequências sociais que este acordo poderia gerar ao povo argentino. Também vemos uma mulher, norte-americana, negra, marchando em favor da defesa da população afro-americana contra as diversas formas de violência racista registradas em território americano, movimento que ficou conhecido com *Black Lives Matters*. Em outra imagem estão mulheres zapatistas, de origem indígena, protestando pelo fim da violência exercida contra a população local que está envolvida no contexto de disputa por controle político e territorial em Chiapas, no México.

As imagens nos apontam mais do que a simples presença feminina em tais movimentos sociais. A diversidade entre as mulheres retratadas nas imagens permite reconhecer o amplo alcance das transformações recentes na estrutura desigual de gênero que a sociedade ocidental tem passado. São mulheres negras, indígenas, brancas, de países desenvolvidos e emergentes, reivindicando, através do exercício de suas cidadanias, transformações sobre as quais falam abertamente através de suas vozes, corpos e cartazes.

A presença das mulheres nas ruas sob forma de movimentos sociais é extremamente simbólica para a representação da conquista deste espaço que, historicamente lhes é negado uma vez que seus papéis sociais tradicionalmente têm sido relacionados ao interior de suas casas, ocupadas por tarefas domésticas enquanto são silenciadas enquanto seres políticos. Este avanço se reflete, entre outras formas, no significativo aumento da participação de mulheres em cargos políticos em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. A ampliação de direitos e liberdades para mulheres, mesmo em países conhecidos por imporem políticas fortemente restritivas sobre os corpos femininos, são sintomáticos deste novo arranjo social que cada vez mais incorpora discussões sobre gênero e as desigualdades e hierarquias produzidas em torno deste. Inclusive, avanços como estes se fazem presentes em algumas das imagens dos livros, como se pode ver a seguir.

**Figura 10: Mulheres em posições sociais representativas das conquistas alcançadas através da histórica luta feminista – OMC.**



Fonte: SAMPAIO; MEDEIROS. Geração Alpha – Geografia – 8º ano – 2018, p. 77

**Figura 11: Mulheres em posições sociais representativas das conquistas alcançadas através da histórica luta feminista – árabe ao volante.**



Fonte: SAMPAIO; MEDEIROS. Geração Alpha – Geografia – 9º ano – 2018, p. 219

**Figura 12: Mapa representativo dos diferentes níveis de participação de mulheres nas instituições parlamentares pelo mundo.**



Fonte: SAMPAIO; MEDEIROS. Geração Alpha - Geografia – 8º ano – 2018, p. 32

Importante ressaltar a presença do mapa como forma de representação das relações de gênero. A cartografia, neste contexto, se apresenta como ferramenta complexa que, através do georreferenciamento de dados coletados de diversas partes do mundo, permite uma observação geográfica dos fenômenos em diferentes territórios. Aqui o mapa não é apenas ilustração do fenômeno, mas instrumento investigativo uma vez que, a partir deste, é possível instigar os alunos a fazerem análises comparativas entre continentes, regiões ou países, levantamento de perguntas e hipóteses, além de pesquisas ainda mais profundas sobre o fenômeno retratado em outras fontes de informação, extrapolando os limites do livro didático. Outros dois mapas com temáticas de gênero foram encontrados, porém em apenas uma das coleções, a Geração Alpha, o que aponta possível limitação sobre o uso do potencial cartográfico em relação à temática de gênero.

## 6 CONCLUSÕES

A reflexão sobre as questões de gênero é extremamente importante para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa. Para tanto, é necessário que este exercício seja frequente e responsável, pautado em referenciais amplamente discutidos e que produzam leituras críticas e mais humanitárias a respeito desta e de outras temáticas que esbarram na limitação do preconceito e da desigualdade entre diferentes grupos sociais.

O gênero, em especial, pode ser utilizado como categoria de análise social para desconstruir parâmetros pré-estabelecidos e que proporcionam leituras mais concretas de fenômenos geográficos em estudo na Geografia Escolar e, com isso, da realidade em si. Apropriar-se dos estudos de gênero não significa, no entanto, ilustrar a presença feminina ou demarcá-la como objeto de estudo dissociado da masculinidade e de outros aspectos de identidades individuais e coletivas. É preciso encarar as questões de gênero como variável

estrutural do mundo que nos cerca e que afeta diretamente, em diferentes proporções e propósitos, vidas e fenômenos em múltiplos momentos e espaços.

O reconhecimento da mulheridade e de mulheres enquanto agentes protagonistas de intervenções socioespaciais, assim como sua inclusão em instrumentos da educação, como o livro didático, é fundamental para a criação de repertórios e referências imagéticas que contribuam, ao longo da vida do alunado, para o fortalecimento de identidades individuais e coletivas que se construam a partir do diagnóstico preciso das relações de gênero na sociedade e da necessidade de intervir ativamente das transformações que ainda se fazem necessárias.

É possível perceber, através das figuras encontradas e analisadas, e das considerações demarcadas, que existe aparente preocupação em inserir, ainda que de forma limitada ou meramente simbólica, debates sobre questões de gênero ou provocações que direcionem para o diálogo a respeito desta temática e sua inserção dentro da geografia escolar como categoria de análise do espaço geográfico e sua constante (re)construção.

São notáveis, no entanto, que muitas destas ilustrações são produzidas, escolhidas e publicadas nos livros sem devida consideração e diálogo com narrativas pluralizadas e atuais, construídas por novas correntes de estudos de gênero ou mesmo correntes mais antigas que obtiveram grande impacto na literatura científica, tanto na Geografia Acadêmica quanto na Geografia Escolar.

Para além das imagens, é pertinente destacar também a necessidade de repensarmos narrativas e conteúdos tradicionalmente presentes nos livros didáticos cujas construções tenham sido feitas a despeito da análise de gênero já que a presença simplesmente de imagens que retratem aspectos da feminilidade não significa afastamento real das estruturas sexistas e patriarcais tão fortemente consolidadas.

## REFERÊNCIAS

- ADAS, Melhem; ADAS, Sérgio. **Expedições Geográficas – Geografia – 8º ano**. São Paulo: Moderna, 2018.
- ADAS, Melhem; ADAS, Sérgio. **Expedições Geográficas – Geografia – 9º ano**. São Paulo: Moderna, 2018.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. Rev. Estud. Fem. [online]. 2007, vol.15, n.03, pp.745-772. ISSN 1806-9584.
- ASSUNÇÃO, M. M. S., & Silva, L. R. (2018). **Formação em psicologia e diversidade sexual: Atravessamentos e reflexões sobre identidade de gênero e orientação sexual**. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, 3(5), 392-410
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the discursive limits of sex**. New York & London: Routledge, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- \_\_\_\_\_. **Gender as Performance: An Interview with Judith Butler**. Entrevista realizada por Peter Osborne e Lynne Segal. Londres, 1993b. Disponível em: <https://shortest.link/2m1T>. Acesso em 02 de janeiro de 2022.

CALIÓ, Sônia. A. **Incorporando a Questão de Gênero nas Análises Ambientais**. Boletim Informativo Mulher e Meio Ambiente, São Paulo, SP, n.3, p. 23-28, 1992.

CARVALHO, Mario. “**Travesti**”, “**mulher transexual**”, “**homem trans**” e “**não binário**”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. Cadernos Pagu, v. 52, pp. 33-67, 2018.

COSTA, Marli Marlene Moraes da; SCHWINN, Simone Andrea. **Qual o lugar das mulheres no mundo?** O peso dos estereótipos de gênero sobre as mulheres migrantes e refugiadas. Revista do Programa de Pós Graduação em Direito da UFC, Fortaleza, v. 38, n. 2, p. 117-131. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/nomos/article/view/30859>>. Acesso em 05 de agosto de 2022

DUTRA, Delia. **Mulheres, migrantes, trabalhadoras**: a segregação no mercado de trabalho. Rev. Inter. Mob. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 40, p. 177-193, jan./jun. 2013

ELIAS, M. A.; ANGELO, E. A.; PIMENTA, R. W.S. **Que mulher é essa?** A representação da mulher nos livros didáticos de Ciências e Biologia. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná.

FARIA, G. J. A.; FERREIRA, M. L. A.; PAULA, A. N. R. **Desinvisibilizando as mulheres em contexto migratório interno**: Interfaces entre migração, trabalho e gênero. In: Anais... XVII Seminário sobre a Economia Mineira, Diamantina-MG, 2016.

FERREIRA, Juliana Kummer Perinazzo; GRISOLIO, Lilian Marta; **Os feminismos e a ausência das mulheres nos livros didáticos de História**, p. 73-88. In: Estudos Interdisciplinares em Humanidades e Letras. São Paulo: Blucher, 2016.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1. junho de 2014.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MANTOVANI, Katia Paulilo. **O Programa Nacional do Livro Didático-PNLD**: impactos na qualidade do ensino público. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MONTEIRO, A. O.; JUCA, S. C. S.; SILVA, S. A. **O livro didático e a sua influência na formação dos discentes da educação básica de escolas públicas**. Research, Society and Development, v. 8, p. 4981643, 2019.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Estudos Feministas, v. 8, n. 2, 9–41, 2000

OAKLEY, Ann. **Sexo e gênero/ Ann Oakley** [traduzido Claudenilson Dias e Leonardo Coelho]. Revista feminismos. Vol. 4, N. 1, Universidade Federal da Bahia-UFBA, 2016

ORNAT, M. J. **Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista**. Terr@ Plural (UEPG. Impresso), v. 2, p. 309-322, 2008.

PRINTES, R. B. **Presença indígena nos livros didáticos de Geografia**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. Vol. 4, nº 8. Campinas, 2014.

RAMOS, Leni Rodrigues. **A Interseccionalidade na Educação Inclusiva**: marcadores sociais da diferença. Foz do Iguaçu: Unila, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3zYLD4M>. Acesso em: 04 ago. 2021.

REIS, M. L. **Estudos de Gênero na Geografia**: Uma análise feminista da produção do espaço. Espaço e Cultura, UERJ, RJ. n.38, p.11-34, jul./dez. 2015.

SAMPAIO, Fernando dos Santos; MEDEIROS, Marlon Clóvis. **Geração Alpha – Geografia – 8º ano**. São Paulo: SM, 2018.

SAMPAIO, Fernando dos Santos; MEDEIROS, Marlon Clóvis. **Geração Alpha – Geografia – 9º ano**. São Paulo: SM, 2018.

SCHULER, F. de M. G. **“Órfãos da mobilidade”**: as repercussões da migração da mãe na vida dos filhos que ficaram. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

SCOTT, Joan. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988.

TONELI, MJF. **Sexualidade, gênero e gerações**: continuando o debate. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. Diálogos em psicologia social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books.

TONINI, Ivaine Maria. **Identidades Capturadas**: Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia, 2002. 139f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2002.